

ENSINO REMOTO EMERGENCIAL E A SAÚDE MENTAL DE PÓS-GRADUANDOS: O SOFRIMENTO PSÍQUICO DISCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

EMERGENCY REMOTE EDUCATION AND THE MENTAL HEALTH OF GRADUATES: PSYCHIC SUFFERING IN STUDENTS DURING PANDEMIC TIMES

ENSEÑANZA REMOTA DE EMERGENCIA Y LA SALUD MENTAL DE LOS POSGRADUANDOS: EL SUFRIMIENTO PSÍQUICO DEL ESTUDIANTE EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Emanoela Thereza Marques de Mendonça Glatz

manuglatz@hotmail.com

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS).

Solange Franci Raimundo Yaegashi

solangefry@gmail.com

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Departamento de Teoria e Prática da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS).

Juan Carlos Sánchez-Huete

jcshuete@cesdonbosco.com

Doutor em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidad Complutense de Madrid (UCM). Docente no Centro de Estudios Superiores Don Bosco (CES Don Bosco), Universidad Complutense de Madrid (UCM). Madrid, España.

Karen de Azevedo Coutinho

azevedo_karen@yahoo.com.br

634

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente da Educação Básica da rede privada de ensino do município de Maringá, PR. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS)

Sharmilla Tassiana de Souza
sharmilla.tsouza@gmail.com

Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Escola, Família e Sociedade (GEPEFS).

RESUMO

A pandemia de covid-19 afetou, substancialmente, a qualidade de vida e a saúde mental de pessoas por todo o mundo. No Brasil, diante das medidas de isolamento social e do fechamento de comércios e instituições de ensino, o Ministério da Educação (MEC) aprovou o Ensino Remoto Emergencial (ERE), que tencionou substituir aulas em caráter presencial por aulas em formato remoto, até a contenção total da doença. Diante de um modelo de ensino inédito e das desigualdades socioeconômicas que caracterizam a sociedade brasileira, surge a preocupação com a saúde mental de discentes na pós-graduação, considerando que o ambiente acadêmico, por si só, já é fonte de tensões que induzem o sofrimento psíquico. À vista disso, este estudo buscou identificar as dificuldades enfrentadas durante o ERE na pós-graduação, aspirando apurar a correlação entre o inédito modelo de ensino e o sofrimento psíquico discente. A pesquisa de campo, de métodos mistos, foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP). O estudo contou com a participação de 77 pós-graduandos de um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade estadual paranaense, que preencheram, remotamente, um *survey* interseccional com 89 questões. Os resultados apontam que cerca de 68% dos pós-graduandos sofrem de ansiedade, 47% acreditam que o ERE avariou, negativamente, a experiência com a pós-graduação, sendo que 39% julgam que o ERE foi nocivo à formação acadêmica. Ao refletir sobre esses dados, concluiu-se que o ERE prejudicou a saúde mental dos pós-graduandos, ao passo em que subsidiou práticas que promoveram sofrimento psíquico à população discente.

Palavras-chaves: Covid-19. Ensino Remoto Emergencial. Pós-graduandos. Saúde mental. Sofrimento psíquico.

ABSTRACT

The covid-19 pandemic has substantially affected the quality of life and mental health of people around the world. In Brazil, in the face of social isolation measures and the closing of shops and educational institutions, the Ministry of Education (MEC) approved Emergency Remote Education (ERE), which intended to replace classes in person with classes in the remote format, until the full containment of the disease. Faced with an unprecedented teaching model and the socioeconomic inequalities that characterize Brazilian society, the concern with the mental health of graduate students arises, considering that the academic environment, in itself, is already a source of tensions that induce psychic suffering. Therefore, this study sought to identify the difficulties faced during the ERE in graduate studies, aiming to determine the correlation between the unprecedented teaching model and the student's psychic suffering. The field research, of mixed methods, was approved by the Permanent Committee of Ethics in Research involving Human Beings (COPEP in Portuguese). This study involved the participation of 77 graduate students from a Graduate Program in Education at a state university in Paraná who remotely completed an intersectional survey with 89 questions. The results indicate that about 68% of graduate students suffer from anxiety, 47% believe that the ERE negatively affected the experience with the graduate course, and 39% believe that the ERE was harmful to their academic training. When reflecting on these data, it was concluded that the ERE harmed the mental health of graduate students, while subsidizing practices that promoted psychological suffering to the student population.

Keywords: Covid-19. Emergency Remote Education. Graduate students. Mental health. Psychic suffering.

RESUMEN

La Pandemia de covid-19 afectó, sustancialmente, la calidad de vida y la salud mental de personas por todo el mundo. En Brasil, delante de las medidas de aislamiento social y del cierre de comercios e instituciones de enseñanza, el Ministerio de Educación aprobó la enseñanza Remota de emergencia, que pretendía sustituir clases en carácter presencial por clases de forma remota, hasta la contención total de la enfermedad. Delante de un modelo de enseñanza inédita y de las desigualdades socioeconómicas que caracterizan a la sociedad brasilera, surge la preocupación con la salud mental de los estudiantes en la posgraduación, considerando que el ambiente académico, por si solo, ya es fuente de tensiones que inducen el sufrimiento psíquico. En vista de eso, este estudio buscó identificar las dificultades enfrentadas durante la ERE en la posgraduación, aspirando averiguar la correlación entre el inédito modelo

de enseñanza y el sufrimiento psíquico del estudiante. La investigación de campo, de métodos mixtos fue aprobada por el Comité Permanente de Ética con seres humanos (en sus siglas en português - COPEP). El estudio contó con la participación de 77 posgraduandos en educación de una universidad estatal paranaense, que llenaron remotamente, un survey interseccional con 89 preguntas. Los resultados apuntan que cerca del 68% de los estudiantes de posgrado sufren de ansiedad, 47% creen que la enseñanza remota de emergencia afectó negativamente la experiencia con la posgraduación, siendo que 39% juzgan que la ERE fue nociva para la formación académica. Al reflexionar sobre estos datos, se concluyó que la ERE perjudicó la salud mental de los estudiantes de posgrado, al paso que subsidió prácticas que promovieron sufrimiento psíquico a la población de estudiantes de posgraduación.

Palabras clave: Covid 19. Enseñanza Remota. Posgraduandos. Salud mental. Sufrimiento psíquico.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado por um evento em escala global que impactou – e continua a impactar –, exponencialmente, a vida do ser humano. No dia 31 de dezembro de 2019, a cidade de Wuhan, na República Popular da China, foi apontada como o epicentro de inúmeros casos de pneumonia provenientes de uma nova cepa de coronavírus, até então nunca identificada em seres humanos. Quase três meses depois, no dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) elevou o estado de contaminação da infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2 (covid-19) em nível pandêmico, publicando normas e diretrizes que aspiravam conter a proliferação desenfreada do vírus (SANTOS; CASTRO; VALLE JUNIOR; RODRIGUES; ALMEIDA, 2021; OPAS, 2022).

O distanciamento e o isolamento social, a higienização constante das mãos, o uso de álcool 70%, máscaras e a suspensão das atividades de comércio, escolas e universidades foram algumas das medidas mobilizadas internacionalmente e que tencionavam impedir que a covid-19 se tornasse uma catástrofe com delineamento semelhante a uma nova Guerra Mundial (MORAES; NASCIMENTO; FARIAS;

SANTOS JÚNIOR, 2020; FARIAS; SILVA, 2021). Sabe-se que, aproximadamente, 156 países suspenderam as atividades educativas presenciais em instituições de ensino por todo o mundo, afastando mais de 1,5 bilhão de estudantes das salas de aula, ao impactar cerca de 70% da população mundial discente (GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021; FARIAS; SILVA, 2021).

No Brasil, o cenário era caótico e, em meio à instabilidade de uma nova doença ainda desconhecida pela Medicina, no dia 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) aprova a Portaria nº 343, alterada, posteriormente, pela Portaria nº 345, e consolidada no dia 16 de junho de 2020, por intermédio da Portaria nº 544, que outorgou a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto perdurasse a pandemia por covid-19. Essa nova modalidade foi nomeada como “Ensino Remoto Emergencial – ERE” (BRASIL, 2020a; BRASIL, 2020b; BRASIL, 2020c; SANTOS; CASTRO; VALLE JUNIOR; RODRIGUES; ALMEIDA, 2021; SILVA; GOULART; CABRAL, 2021).

Diante desse cenário, as instituições de ensino se defrontaram com a responsabilidade de criar, de maneira repentina e urgente, artifícios que atendessem às necessidades educacionais dos estudantes, mas, agora, de maneira remota, repensando e readaptando práticas pedagógicas tradicionais/presenciais, além de utilizar as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como principais ferramentas para essa transformação (MORAES; NASCIMENTO; FARIAS; SANTOS JÚNIOR, 2020).

Convém destacar que o ERE, ao contrário do que alguns pensam, difere-se da Educação a Distância (EaD). Esta é uma modalidade de ensino com regras específicas, normatizada no ano de 2005, por meio do Artigo 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/1996. Para que a EaD seja ofertada, é necessário que muitos profissionais participem do processo de organização da modalidade, exigindo-se a presença de professores tutores, professores responsáveis

pela distribuição dos conteúdos entre as disciplinas, professores tutores presenciais, técnicos em Tecnologia da Informação, *Designer* Instrucional e afins (FARIAS; SILVA, 2021; ALVES, 2020). Ademais, todos esses profissionais recebem formação inicial adequada e passam por capacitação e especialização regularmente. No caso do ERE, os professores são os que ministravam disciplinas de maneira presencial; no entanto, agora, precisaram fazer uma adaptação em relação à forma de lecioná-las, não tendo recebido nenhuma formação prévia e/ou orientação apropriadas para isso, de modo a se sobrecarregarem pelo excesso de atividade, responsabilizando-se, unicamente, pelo trabalho de planejar, executar, avaliar e incluir o uso das TDICs em cada um desses processos. A propósito, muitos deles não tinham, antes mesmo da pandemia, recursos e materiais tecnológicos mínimos (como computadores e internet de qualidade) para o seu próprio usufruto (FARIAS; SILVA, 2021; ALVES, 2020).

A sociedade se viu fragmentada entre aqueles que acreditavam que o uso das tecnologias digitais aprimoraria o processo educativo, efetivaria novas formas de ensinar e aproximaria o ensino do modernizado corpo social em rede (SILVA; GOULART; CABRAL, 2021; MORAES; NASCIMENTO; FARIAS; SANTOS JÚNIOR, 2020), e aqueles que se preocupavam com a precarização, a massificação e a fusão da educação à ideologia neoliberal (GUIMARAES, 2022; FARIAS; SILVA, 2021; GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021; COSTA, 2020).

O fato é que, mesmo diante dessa ambivalência, o ERE foi adotado pelo sistema educativo brasileiro; logo, tanto os docentes quanto os discentes tiveram de se adaptar a essa nova realidade. Para além de todos os impactos sofridos pela pandemia, como o isolamento social, as dificuldades econômicas, o desemprego em massa, o medo do adoecimento e da finitude (GAUDENZI, 2021), poucos meses após a implementação e execução do ERE, já era possível constatar inúmeros impasses encontrados durante a aplicação desse recurso circunstancial, bem como um

acentuado sofrimento de ordem psíquica, elaborado por discentes e docentes inseridos nesse processo (ANACLETO; ALVARENGA; FERREIRA, 2021).

Estudos apontam para a prevalência de ansiedade e estresse na população acadêmica, além de alterações do sono, improdutividade, aumento da demanda de trabalho, inacessibilidade a dispositivos eletrônicos, como computadores e internet, dificuldades com a organização pessoal e com a compreensão do conteúdo transmitido remotamente, insuficiência nos prazos, queda na aprendizagem e uma piora significativa na saúde mental, no período pandêmico (COSTA; MACHADO; COSTA; ARAÚJO; NUNES; COSTA, 2021; SILVA; LIMA; MARTINS, 2021; SILVA; GOULART; CABRAL, 2021; SANTOS; CASTRO; VALLE JUNIOR; RODRIGUES; ALMEIDA, 2021; GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021; SILVA; TCHAICKA; SÁ-SILVA, 2021; COSTA, 2020).

Segundo Lima (2020, p. 1), diante de situações de epidemia, o número de pessoas que experienciam o sofrimento psíquico e a deterioração de sua saúde mental costuma ser superior ao número de acometidos pela infecção, o que, inclusive, pode estimular, a posteriori, a eclosão de uma “pandemia de medo e estresse”. Esses fatores, aliados à aplicação de uma modalidade de ensino ainda inédita e experimental, potencializam e agravam, ainda mais, a ansiedade discente.

O ambiente do Ensino Superior, antes mesmo da pandemia, já era concebido pela literatura como potencializador do sofrimento discente, tendo em vista que estudos já indicavam a prevalência de uma maior taxa de sofrimento psíquico e transtornos mentais não psicóticos em indivíduos que frequentam a universidade, quando em comparação aos jovens da mesma idade que não se encontram na academia (GRANER; CERQUEIRA, 2019; BAADER; ROJAS; MOLINA; GOTELLI; ALAMO; FIERRO; VENEZIAN; DITTUS, 2014). Para além, estima-se que 15% a 25% – aproximadamente – dos estudantes do Ensino Superior sofrerão psicicamente, em algum momento de suas trajetórias universitárias, o que afetará, de modo profundo, a

qualidade de vida, a saúde e, por consequência, a permanência na universidade (ARIÑO; BARDAGI, 2018).

Quando falamos sobre a pós-graduação, a conjuntura é ainda mais frágil, pois, além de todos os estressores já presentes no Ensino Superior, o indivíduo se defronta com fatores inerentes a essa etapa específica de ensino, como o produtivismo e a sobrecarga de trabalhos acadêmicos, a insatisfação diante do tema de pesquisa, a relação conturbada com o orientador, a pressão para publicações e cumprimentos de prazos, a solidão, a falta de acolhimento dos programas, a competitividade entre pares e a escassez de financiamento e bolsas para subsidiar as pesquisas (FORTES, 2021; ZOTESSO, 2021; CALDAS, 2018; GALDINO, 2015; GLATZ *et al.*, 2022).

Assim, diante desse contexto, torna-se imprescindível nos perguntar sobre os impactos que o ERE conferiu à vida psíquica dos pós-graduandos, buscando compreender os principais infortúnios enfrentados por eles nesse período pandêmico. À vista disso, o presente estudo objetivou identificar as dificuldades enfrentadas durante o ERE na pós-graduação, aspirando apurar a correlação entre o inédito modelo de ensino e o sofrimento psíquico discente.

A pesquisa se justifica pela premente necessidade de fomentar debates e discussões sobre o ERE e o sofrimento psíquico dos estudantes, principalmente diante do atual contexto de retorno às aulas em formato presencial, o qual exigirá das instituições de ensino o reconhecimento das repercussões psicológicas que a pandemia e os quase dois anos de distanciamento físico causaram em seu público discente. No que tange à problemática, é possível delimitá-la por meio da seguinte questão: o ensino remoto emergencial incitou o sofrimento psíquico em pós-graduandos?

Dessa forma, com a intenção de buscar respostas para esse questionamento e colaborar com a sistematização de novos estudos e pesquisas sobre o ERE e sua relação com a saúde mental discente, realizou-se uma pesquisa de campo, que contou com a participação de 77 pós-graduandos (mestrandos, doutorandos e pós-

doutorandos) de um Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade estadual localizada no estado do Paraná-PR.

O presente artigo foi subdividido em três partes, sendo a primeira parte uma breve apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa. A segunda parte conta com os resultados e as discussões dos dados levantados, confrontados com a literatura já existente. Por último, nas considerações finais, são sintetizadas as percepções e descobertas acerca do estudo de campo realizado.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de atender ao objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de métodos mistos, a qual combina dados de cunho quantitativo e qualitativo em uma mesma investigação (CRESWELL, 2007) de finalidade básica. Tal análise objetiva preencher uma lacuna no conhecimento sobre a temática, sendo considerada exploratória e descritiva, pois, além de proporcionar familiaridade com o problema e construir hipóteses, descreve características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2017). Classifica-se, ainda, como sendo de campo, já que o objeto é estudado em seu ambiente próprio, e a coleta dos dados é realizada nas condições naturais dos fenômenos, sem intervenção direta do pesquisador, utilizando-se de instrumentos que abrangem levantamentos de dados dos mais descritivos (*surveys*)ⁱ até estudos mais analíticos (SEVERINO, 2013).

Para a coleta dos dados, utilizou-se, como instrumento, um *survey* interseccional desenvolvido pelos autores, em que os dados foram colhidos em um momento específico de uma amostra escolhida para descrever as características de uma população maior em uma mesma ocasião (BABBIE, 1999). O instrumento foi construído a partir de um estudo piloto analisado, a priori, sob a *expertise* de três doutores na área da Educação (BELEI; GIMENIZ-PASCHOAL; NASCIMENTO; MATSUMONO, 2008).

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP), sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 50408921.8.0000.0104, Parecer nº 5.027.421. Todos os procedimentos éticos foram seguidos à risca, visando a preservar a identidade dos participantes. Não foram coletados nomes e nenhuma outra informação que permitisse a identificação dos sujeitos.

O critério de inclusão para a participação na pesquisa determinou que a amostra seria composta apenas por pós-graduandos regularmente matriculados no mestrado, doutorado ou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação, estabelecendo, como critérios de exclusão, estudantes com matrículas trancadas ou aqueles matriculados como não regulares.

O *survey* contou com 89 questões, abertas e fechadas, que investigaram características sociodemográficas, o conceito subjetivo de ser estudante da pós-graduação *stricto sensu*, bem como o entendimento sobre a qualidade de vida e a saúde mental em tempos de pandemia. O instrumento foi elaborado com base nos recursos da plataforma Google Forms 365®, e o *link* de acesso foi encaminhado via *e-mail* institucional a todos os 190 discentes matriculados no Programa de Pós-Graduação em Educação da universidade. Os dados foram coletados entre os meses de outubro e dezembro do ano de 2021, contando, ao final, com uma amostra total de 77 pós-graduandos participantes.

As questões que avaliaram a percepção dos pós-graduandos acerca do ERE se integraram ao bloco que buscou revelar as percepções sobre o papel social de ser um estudante na pós-graduação *stricto sensu* em tempos pandêmicos.

Babbie (1999) revela que a codificação das respostas obtidas por meio do *survey* consiste em uma substancial matéria-prima para uma análise de conteúdo. Assim, os dados coletados na pesquisa foram subdivididos em eixos temáticos/semânticos, de acordo com a frequência das respostas obtidas. Foram elaboradas então, três grandes categorias de análise - utilizando-se a técnica de

análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), sendo elas: 1) Pandemia e o ensino remoto emergencial; 2) O sofrimento psíquico na pós-graduação; 3) Saúde mental *versus* qualidade de vida. Cabe ressaltar, que apenas a categoria “Pandemia e o ensino remoto emergencial” foi analisada com afinco para a composição deste artigo, buscando elencar os principais impactos que o ensino remoto emergencial perpetrrou na saúde mental de pós-graduandos brasileiros. A posteriori, os dados quantitativos foram organizados e tabelados com a utilização do Excel 365®, sendo também subdivididos e agrupados dentro das categorias de análises já elencadas. Em seguida, realizou-se uma exploração minuciosa de todo o material agrupado e categorizado para, finalmente, obter-se a inferência e a interpretação dos resultados obtidos (BARDIN, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

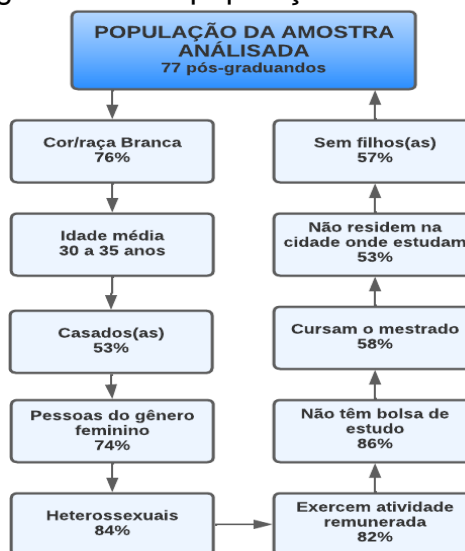
Antes de iniciar a análise dos resultados, é de suma importância evidenciar que, até o mês de fevereiro do ano de 2022, quase dois anos após o início da pandemia, cerca de 416.614.051 pessoas foram infectadas pelo vírus da covid-19 no mundo; destas, 5.844.097 vieram a óbito. O Brasil é o terceiro país do mundo com o maior número de casos confirmados pela doença, 27.659.052, e o segundo com o maior número de mortes, 639.689 (WHO, 2022).

Os dados suscitados com esta pesquisa apenas refletem as condições psíquicas e sociais em que grande parte da população brasileira se encontra no momento, enfrentando uma crise econômica e vivendo sob o risco iminente da morte, em que um vírus “ [...] nos afastou de nossos principais prazeres e nos tirou a possibilidade de estar em companhia das pessoas que amamos no momento da morte, atormentando os que se vão e alojando experiências traumáticas nos que ficam” (GAUDENZI, 2021, p. 4). Descobriu-se, com esta pesquisa, que, infelizmente, 28% dos pós-graduandos participantes perderam um ente querido para a covid-19, dentre eles: pais, irmãos(ãs), avós, tios(as) e primos(as). O luto negado a esses sujeitos é o

sofrimento psíquico em essência; é o mal-estar de quem aceita a morte e reconhece a transitoriedade da vida (FREUD, 2010), mas não nessas circunstâncias.

Os resultados obtidos neste estudo revelam que, conforme demonstrado na Figura 1, a população da amostra se constituiu, majoritariamente, por pessoas do gênero feminino, heterossexuais, de cor/raça branca, com idade entre 30 e 35 anos, casados(as), sem filhos(as), que não residem na cidade onde fazem a pós-graduação, cursam o mestrado acadêmico, não contam com auxílio de bolsa de estudos e exercem atividade remunerada.

Figura 1 – Fluxograma com a população da amostra analisada



Fonte: os autores (2022).

No que tange aos dados sociodemográficos da população analisada, observa-se que 74% dela se compõem por pessoas do gênero feminino. O gênero feminino é, de fato, a maioria entre os estudantes de pós-graduação brasileiros. Dados fornecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) corroboram com essa afirmação, ao apontar que, desde o ano de 2004, os indivíduos do gênero feminino são mais numerosos entre os pós-graduandos, correspondendo,

à época, 52% dos matriculados; no ano de 2019, esses indivíduos já somavam 54,4% (RIGHETTI; GAMBA, 2021).

Essa informação, no entanto, causa certa apreensão, considerando que pessoas do gênero feminino estão mais associadas ao desenvolvimento de psicopatologias, como a depressão e os transtornos alimentares (NEVES; DALGALARRONDO, 2007; BAADER; ROJAS; MOLINA; GOTELLI; ALAMO; FIERRO; VENEZIAN; DITTUS, 2014; GRANER; CERQUEIRA, 2019). Salienta-se que, na pós-graduação, indivíduos do gênero feminino (sempre a maioria nas amostras pesquisadas), apresentam maior tendência a manifestações de exaustão emocional, pensamentos suicidas, estresse crônico e humor depressivo-ansioso. Tais questões podem estar relacionadas ao fato de que o sofrimento psíquico, socialmente construído, ajusta-se aos princípios e aos padrões estereotipados de gênero, que direcionam e naturalizam os papéis sociais de esposa, dona de casa e mãe ao gênero feminino, sujeitando-as a assumirem dupla, ou tripla, jornada de trabalho, dividindo-se entre os cuidados com a casa, família, estudo e atividade laboral (ZANELLO; FIUZA; COSTA, 2015). No mais, também relatam ter relacionamentos pessoais insatisfatórios, descontentamento com o tema de pesquisa, de forma a apresentar sintomas clássicos da síndrome de *burnout* (GALDINO, 2015; OLIVEIRA, 2019; COELHO, 2019; CÂMARA, 2020; FORTES, 2021; ZOTESSO, 2021).

Outro achado importante – e que vem ao encontro com os resultados de outras pesquisas – corresponde ao fato de que os mestrados são a maioria nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* do país. À vista disso, dados divulgados pela CAPES revelam que o Brasil contava, no ano de 2020, com 136.194 estudantes matriculados em mestrados acadêmicos, em detrimento de 124.530 matrículas em doutorados. Ainda, no que se refere à titulação, em 2020, registravam-se 46.060 titulados mestres no país e apenas 20.066 titulações de doutores (CAPES, 2020). Estudos revelam, ademais, que os mestrados se sentem mais pressionados ao cumprimento de prazos e publicações que os doutorandos e julgam, para além, um menor acolhimento por

parte dos programas (FORTES, 2021). Não obstante, são ainda os mais ansiosos e propensos à interrupção de sua vida acadêmica, em detrimento dos doutorandos (COELHO, 2019).

Conforme a Figura 1, nota-se que 82% dos sujeitos da pesquisa exercem algum tipo de atividade remunerada, sendo que 86% deles não contam com o subsídio financeiro proveniente de bolsas de estudo. Segundo Galdino (2015), pós-graduandos que conciliam estudo com trabalho julgam desfrutar de uma menor qualidade de vida, principalmente no primeiro ano do curso. Outrossim, a falta de financiamento para a execução de pesquisas e o progressivo corte nas bolsas de estudo favorecem e intensificam o estresse, bem como a baixa produtividade acadêmica na pós-graduação (ZOTESSO, 2021).

No que diz respeito ao ERE e às suas particularidades, verifica-se, na Figura 2, uma síntese das principais dificuldades enfrentadas pelos pós-graduandos participantes da pesquisa durante a execução de suas atividades acadêmicas *on-line*.

Figura 2 – Principais dificuldades enfrentadas pelos discentes durante o ensino remoto emergencial na pós-graduação *stricto sensu*

Principais dificuldades em cursar uma pós-graduação *stricto sensu* em formato remoto

- Falta de condições financeiras para o acesso a aparelhos eletrônicos e internet de qualidade.
- Falta de diálogo, interação e socialização com colegas e professores.
- Falta de um momento isolado do barulho e dos vícios comportamentais provenientes do ambiente familiar.
- Falta de disciplina, de organização e de um espaço físico específico para os estudos.
- Discussões rasas durante as aulas.
- Dispersão e dificuldades de concentração.
- Solidão e falta de contato físico.
- Falhas nos dispositivos digitais e no acesso à internet.
- Dividir o ambiente de estudo com atividades domésticas.
- Frieza do processo de ensino realizado sem o contato físico.
- Falta de pertencimento acadêmico.
- Desmotivação para assistir à aula *on-line*.
- Cansaço excessivo e saturação no uso de tecnologias.

Fonte: os autores (2022).

De todos os empecilhos listados, alguns apareceram de maneira mais recorrente nas falas dos pós-graduandos, sendo eles: a falta de condições socioeconômicas para adquirir aparelhos eletrônicos e pacote de internet de qualidade; a falta de diálogo e interação entre pares, de modo a gerar uma frieza no processo de ensino; e a carência de um ambiente físico específico para o estudo e de um momento longe dos barulhos provenientes do ambiente familiar, que prejudicam, demasiadamente, a capacidade de concentração nas aulas. Ademais, 42% dos

discentes revelaram que o ERE fundiu o tempo de descanso/lazer ao tempo de estudo, tornando quase impossível dissociá-los. Apontaram também, 32% deles, que os momentos dedicados às refeições foram prejudicados, não se respeitando mais os intervalos para o almoço e/ou jantar, por exemplo. Finalmente, 28% deles disseram se sentir desconfortáveis e envergonhados ao se exporem diante de uma câmera, recaindo sobre uma “disciplinarização dos corpos” estimulada pela exposição excessiva a meios tecnológicos que organizam e vigiam espaços-tempos (GUIMARAES, 2022).

Silva, Lima e Martins (2021) apontaram, em sua pesquisa, que a falta de interação com os colegas é descrita pelos discentes como a maior desvantagem do ERE na pós-graduação. Para eles, a falta de interação entre pares prejudica o dinamismo da sala de aula e, conseqüentemente, recai sobre a aprendizagem.

A falta de disciplina e de organização pessoal para prosseguir com os estudos de maneira remota também aparece, em outras pesquisas, como uma das grandes limitações do ERE (SILVA; GOULART; CABRAL, 2021). O gerenciamento e planejamento do tempo para se dedicar aos estudos é um fator de preocupação dos discentes, salientando-se que o ensino individualizado e o autodidatismo, máximas norteadoras do ERE, propiciam uma queda considerável na aprendizagem e prejudicam a concentração e a saúde mental dos pós-graduandos (GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021; FARIAS; SILVA, 2021; COSTA; 2020).

Há, ainda, outro achado que exige atenção: quando questionados sobre o espaço físico domiciliar utilizado para os estudos, 34% dos pós-graduandos revelaram não ter um ambiente específico para realizar suas atividades acadêmicas, sendo que 18% relatam dividi-lo com outras pessoas que desempenham, concomitantemente, demais ocupações. Muitos relataram estudar apenas de madrugada, constituindo-se o único momento em que há espaço e silêncio, aspectos mencionados como essenciais para uma aprendizagem mais efetiva.

Dividir o mesmo ambiente físico para estudar, trabalhar e vivenciar atividades de lazer e domésticas é outro grande infortúnio do ERE. A ausência de um local apropriado para os estudos, as interrupções constantes de familiares e a urgência na realização de afazeres particulares, combinados em apenas um ambiente, acabam por gerar sensação de improdutividade, desânimo, ansiedade, dificuldades de concentração, percepção de incapacidade, de pouca aprendizagem, que refletem em autocobrança e grande sofrimento psíquico (GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021; FARIAS; SILVA, 2021; SANTOS; CASTRO; VALLE JUNIOR; RODRIGUES; ALMEIDA, 2021; COSTA; MACHADO; COSTA; ARAÚJO; NUNES; COSTA, 2021).

A seguir, a Figura 3 elenca, em uma nuvem de palavras, as principais palavras/frases evocadas pelos pós-graduandos, quando questionados sobre as dificuldades fomentadas pelo ERE no contexto da pós-graduação *stricto sensu*.

Figura 3 – Nuvem de palavras com as principais dificuldades suscitadas pelos pós-graduandos no contexto do ensino remoto emergencial na pós-graduação *stricto sensu*



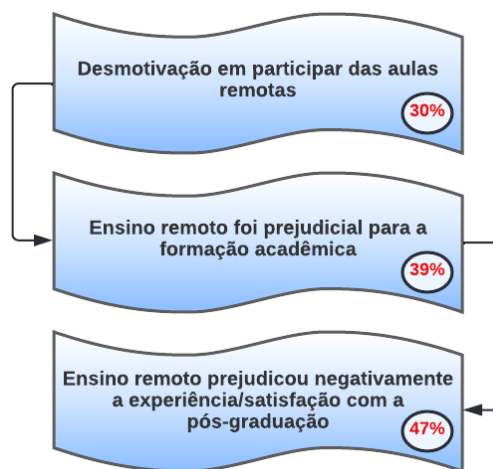
Fonte: os autores (2022).

Ao realizar uma breve análise da Figura 3, observa-se que o ERE representa, para os pós-graduandos, um modelo de ensino sem dinamismo, desmotivador,

cansativo, improdutivo, solitário, de forma a promover uma baixa aprendizagem, um declínio do rendimento acadêmico, que consubstancia o sofrimento psíquico e prejudica a saúde mental.

Diante dessas afirmações, os dados levantados revelaram que 30% dos pós-graduandos se sentem desmotivados em participar das aulas *on-line*; não obstante, 39% deles acreditam que o ERE foi nocivo para a formação, sendo que 47% acreditam que o ERE avariou, negativamente, a experiência e satisfação com a pós-graduação. Ao priorizar a visualização desses dados, elaborou-se um fluxograma, que se encontra disposto na Figura 4.

Figura 4 – Fluxograma com impressões dos pós-graduandos acerca do ensino remoto



Fonte: os autores (2022).

Potencializaram-se, diante do isolamento social e do ERE, uma série de sinais e sintomas que evidenciaram os impactos negativos da pandemia de covid-19 na vida psíquica dos pós-graduandos. O surgimento de sintomas ansiosos, de estresse constante, de alterações no sono e o aumento no consumo de bebidas alcoólicas demonstram que a saúde mental discente se encontra sensibilizada.

Quase metade (49%) dos pós-graduandos pesquisados padeceu de insônia durante a pandemia; 68% revelaram experienciar sintomas ansiosos; 62% se sentiram estressados com frequência; 63% se designam angustiados; 61% se perceberam irritados em grande parte do tempo; e 66% têm procrastinado, sendo que 49% dos discentes disseram experimentar bloqueios criativos com frequência.

Mais uma vez, os dados levantados corroboram com estudos realizados anteriormente, que já apontaram para a existência de alterações do sono nessa população, assim como para o surgimento de desânimo, apatia, desmotivação, ansiedade, tristeza, alterações na volição e incapacidade emocional para lidar com as adversidades provenientes do momento pandêmico (SANTOS; CASTRO; VALLE JUNIOR; RODRIGUES; ALMEIDA, 2021; GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021).

No que tange à intensificação no consumo de bebidas alcoólicas durante a pandemia, a pesquisa apontou que 20% dos pós-graduandos pesquisados aumentaram o consumo de álcool nesse período. Para a OMS, “à medida que os índices de ansiedade, medo, depressão, tédio e incerteza passaram a ser mais comumente notificados durante a pandemia, o consumo de álcool também aumentou [...]” (OPAS, 2020, p. 2). Diante das adversidades promovidas pelo ERE, pela desconfiança nos posicionamentos políticos articulados pela governança brasileira, e mediante a um baixo otimismo em relação à capacidade de enfrentamento da pandemia, o consumo de bebidas alcoólicas serviu como modo de escamotear a ansiedade e o sofrimento psíquico experienciado (GONÇALVES; SANTOS JÚNIOR; MIYAZAKI; SANTOS; ANDRÉ; CASTIGLIONI, 2021).

A partir de todos os aspectos e achados relatados até aqui, apreendeu-se que o ERE e todos os demais fatores inerentes à pandemia pela covid-19 afetaram, substancialmente, a qualidade de vida e a saúde mental dos pós-graduandos brasileiros. Nota-se, ainda, que estudos sobre a relação entre o ERE e o sofrimento psíquico de universitários, sendo eles graduandos ou pós-graduandos, mostram-se

de forma tímida. Por essa razão, faz-se imprescindível a realização de novas pesquisas que busquem estudar a temática mais intimamente e, até mesmo, direcioná-las aos docentes atuantes nas universidades espalhadas pelo país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 alterou, significativamente, os modos de organização da vida e da sociedade em todo o mundo. A adesão ao ensino remoto emergencial, uma das medidas que tencionou controlar a disseminação do vírus, impactou, de maneira profunda, os agentes inseridos nesse processo. Dentre eles, destacam-se os pós-graduandos, os quais, além de lidarem com os estressores já presentes nessa etapa de ensino, defrontaram-se com uma série de problemáticas provenientes de um modelo educativo experimental, que exigiu recursos tecnológicos de uma população mundialmente conhecida pelas desigualdades socioeconômicas que enfrenta.

Conforme idealizado, esta pesquisa buscou identificar as dificuldades enfrentadas durante o ERE na pós-graduação, aspirando apurar a correlação entre o inédito modelo de ensino e o sofrimento psíquico discente. Diante disso, os dados levantados revelaram que os pós-graduandos, em maioria do gênero feminino, enfrentaram inúmeras adversidades ao realizarem a pós-graduação nesse formato, sendo as principais delas: a falta de condições financeiras para adquirir equipamentos eletrônicos e internet de boa qualidade; a ausência de um ambiente físico próprio e adequado para os estudos; a falta de interação social, de diálogo e de trocas de experiências e conhecimentos durante as aulas remotas; a solidão e a frieza de um processo de ensino realizado sem o contato físico humano.

Todos esses empecilhos suscitaram inúmeros sentimentos e emoções negativas, como a ansiedade, o estresse, o desânimo, a dificuldade em se concentrar, a sensação de improdutividade e de baixo rendimento acadêmico, associando-se, ainda, a uma autocobrança excessiva e a um grande desgaste mental.

Evidentemente, todos esses fatores, aliados ao medo da contaminação, da morte e do luto negado, impactaram, de forma profunda, a saúde mental dos pós-graduandos.

O ERE produziu o sofrimento psíquico, na medida em que exigiu dos discentes, desempenho acadêmico em um momento de crise sanitária, de isolamento social, de desemprego em massa, de lutos mal elaborados e de grande fragilidade e instabilidade emocional. A pandemia da covid-19 reproduziu e universalizou o sofrimento psíquico humano, mas o ERE potencializou, ainda mais, esse sofrimento no ambiente universitário.

Concernentes aos limites deste estudo, pontua-se que a população da amostra se constituiu apenas por pós-graduandos de um Programa de Pós-Graduação em Educação de um estado brasileiro. Destarte, sugere-se que estudos futuros possam ampliar a população a ser analisada – priorizando, até mesmo, pesquisas que forneçam espaço exclusivo de escuta para pessoas do gênero masculino - integrando programas de outras áreas do conhecimento, assim como de outros estados do país. Nesse ínterim, pesquisas que revelam o impacto do ERE na saúde mental de docentes universitários são insuficientes, de maneira a se estabelecer como uma lacuna de conhecimento a ser ainda explorada.

Assim, almeja-se que este estudo possa fornecer subsídios que favoreçam novas pesquisas sobre a saúde mental de pós-graduandos, principalmente sob o impacto do ERE em tempos pós-pandêmicos, a fim de ressignificar e reelaborar o processo de escuta e acolhida desses sujeitos nas instituições de Ensino Superior.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lynn Rosalina Gama. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

ANACLETO, Adilson; ALVARENGA, Ana Paulo Oliveira Becker; FERREIRA, Aline Rafaely. Amor e resiliência: a docência no ensino superior em tempos de pandemia do Novo coronavírus (covid-19). **Revista Práxis**, Volta Redonda, v. 13, n. 26, p. 26-30, 2021.

ARIÑO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. **Psicologia e Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 12, n. 3, p. 44-55, 2018.

BAADER, Tomas; ROJAS, Carmen; MOLINA, José Luis; GOTELLI, Marcelo; ALAMO, Catalina; FIERRO, Carlos; VENEZIAN, Silvia; DITTUS, Paula. Diagnóstico de la prevalencia de trastornos de la salud mental en estudiantes universitarios y los factores de riesgo emocionales asociados. **Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria**, Santiago, v. 52, n. 3, p. 167-176, 2014.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELEI, Renata Aparecida; GIMENIZ-PASCHOAL, Sandra Regina; NASCIMENTO, Edinalva Neves; MATSUMONO, Patrícia Helena Vivan Ribeiro. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 30, p. 187-199, 2008.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2009]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – COVID-19. Brasília, DF: MEC, 2020a. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Portaria nº 345, de 19 de março de 2020**. Altera a Portaria MEC nº 343, de 17 de março de 2020. Brasília, DF: MEC, 2020b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-345-de-19-de-marco-de-2020-248881422?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DPortaria%2520345%2520de%252019%2520de%2520mar%25C3%25A7o%2520de%25202020>. Acesso em: 30 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição de aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus – Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020,

e nº 473, de 12 de maio de 2020. Brasília, DF: MEC, 2020c. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 30 jan. 2022.

CALDAS, Cristiane Chaves. **Prazer e sofrimento**: um estudo de caso com pós-graduandos no curso de Mestrado Acadêmico em Administração na cidade Belo Horizonte – MG. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Unihorizontes, Belo Horizonte, 2018.

CÂMARA, Victor Mayer dos Santos. **Adoecimento e atendimento psicológico de pós-graduandos**: perfil, queixas e fatores associados aos sintomas de ansiedade. 2020. 95 f. Dissertação (Mestrado Profissional Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2020.

CAPES – COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **GeoCapes**. 2020. Disponível em: <https://geocapes.capes.gov.br/geocapes/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

COELHO, Weverton Eugenio. **Ansiedade, autoeficácia e motivação nos cursos *stricto sensu* de ciências contábeis**. 2019. 166 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

COSTA, Cláudia Lúcia da. Educação em Tempos de Pandemia: Ensino Remoto Emergencial e Avanço da Política Neoliberal. **Revista Expedições**, Morrinhos, v. 11, p. 1-15, 2020.

COSTA, Jefferson de Andrade; MACHADO, Dionleno de Carvalho Pessoa; COSTA, Tatiana de Andrade; ARAÚJO, Fabiana da Cruz; NUNES, Jordânia Cardoso; COSTA, Hérica Tanhara Souza da. Dificuldades enfrentadas durante o ensino remoto. **Rebena – Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, Rio Largo, v. 1, p. 80-95, 2021.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DUARTE, Alexandre William Barbosa. *Survey*. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Lívia Fraga. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

FARIAS, Ricardo Chaves de; SILVA, Denise Mota Pereira da. Ensino remoto emergencial: virtualização da vida e o trabalho docente precarizado. **Geografares**, Vitória, v. 1, n. 32, p. 1-19, 2021.

FORTES, Christine Sodré. **A vida nervosa na pós-graduação**. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Ciência Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

FREUD, Sigmund. A transitoriedade [1916]. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (v. 12).

GALDINO, Maria José Quina. **Síndrome de Burnout e qualidade de vida entre estudantes de pós-graduação *stricto sensu* em enfermagem**. 2015. 183 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

GAUDENZI, Paula. Cenários brasileiros da Saúde Mental em tempos de Covid-19: uma reflexão. **Interface**, Botucatu, v. 25, n. 1, p. 1-15, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GLATZ, Emanoela Thereza Marques de Mendonça; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; FRANÇA, Fabiane Freire; SOUZA, Simone de; FONSECA, Aline Arruda Rodrigues da; RABASSI, Liliam Keidinez Bachete da Conceição. A saúde mental e o sofrimento psíquico de pós-graduandos: uma revisão de literatura em teses e dissertações. **Revista Educar Mais**, v. 6, p. 255 a 273, 2022.

GONÇALVES, Nicole Cristina de Almeida; SANTOS JUNIOR, Randolpho; MIYAZAKI, Maria Cristina de Oliveira Santos; SANTOS, Loiane Leticia dos; ANDRÉ, Júlio César; CASTIGLIONI, Lilian. Pandemia do Coronavírus e o Ensino Remoto Emergencial: Percepção do Impacto no Bem-Estar da Universidade. **Psicologia, Conocimiento y Sociedad**, Montevideo, v. 11, n. 3, p. 40-59, 2021.

GRANER, Karen Mendes; CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Revisão Integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1327-1346, 2019.

GUIMARAES, Rafael Siqueira de. Da Metapresencialidade ao Ensino Remoto Emergencial: Como Será o Ensino Superior num Mundo Pós-Pandemia? **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 8, p. 1-12, 2022.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-10, 2020.

MORAES, Humberto Luiz Barroso; NASCIMENTO, Solange Melo do; FARIAS, Mário Andrade de Freitas; SANTOS JÚNIOR, Gilson Pereira dos. De ensino presencial para o remoto emergencial: adaptações, desafios e impactos na pós-graduação. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n. 1, p. 180-193, 2020.

NEVES, Marly Coelho Carvalho; DALGALARRONDO, Paulo. Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 4, p. 237-244, 2007.

OLIVEIRA, Danielle Machado. **Sofrimento mental e comportamento suicida em pós-graduandos *stricto sensu***: prevalência e fatores associados. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Brasília, DF: OPAS, [2022]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 30 jan. 2022.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Uso de álcool durante a pandemia de COVID-19 na América Latina e no Caribe**. Brasília, DF: OPAS, 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52936/OPASNMHMHCOVID-19200042_por.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 15 fev. 2022.

RIGHETTI, Sabine; GAMBA, Estêvão. Na pós-graduação, mulheres são maioria entre estudantes, mas minoria entre docentes. **Folha de São Paulo**, 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/03/na-pos-graduacao-mulheres-sao-maioria-entre-estudantes-mas-minoria-entre-docentes.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

SANTOS, Karolliny Danielle; CASTRO, Suelen; VALLE JUNIOR; Samuel Ribeiro do; RODRIGUES; Edwaldo Soares; ALMEIDA, Paulo Roberto de. Ensino Online em tempos de pandemia: a opinião de universitários quanto aos desafios encontrados. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 10, p. 1-9, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Alessandro Costa da; TCHAICKA, Ligia; SÁ-SILVA Jackson Ronie (org.). **Experiências de aulas remotas nos cursos de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Maranhão**: volume I. São Luís: EDUEMA, 2021.

SILVA, Cecília Maria Lima; LIMA, Maria do Socorro Nogueira Oliveira Filha; MARTINS, Elcimar Simão. Pós-graduação stricto sensu no ensino remoto emergencial: desafios e perspectivas. **Ensino em Perspectiva**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.

SILVA, Joselma; GOULART, Ilsa do Carmo Vieira; CABRAL, Giovanna Rodrigues. Ensino remoto na educação superior: impactos na formação inicial docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 2, p. 407-423, 2021.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Coronavírus (COVID-19) – Dashboard**. [2022]. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. **Fractal - Revista de Psicologia**, Niterói, v. 27, n. 3, p. 238-246, 2015.

ZOTESSO, Marina Cristina. **Sofrimento psicológico em pós-graduandos**: aspectos emocionais e comportamentais. 2021. 99 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2021.

ⁱ O *survey* é considerado um método de pesquisa que objetiva “[...] descrever, explicar e/ou explorar características ou variáveis de uma população por meio de uma amostra estatisticamente extraída desse universo” (DUARTE, 2010, p. 1).